



CÂMARA DOS DEPUTADOS

**REQUERIMENTO DE MOÇÃO Nº , DE 2026**

(Do Senhor Evair Vieira de Melo)

*Requer a aprovação de Moção de Repúdio à descaracterização simbólica da identidade nacional em camisetas oficiais da Seleção Brasileira de Futebol, especialmente no tocante à inserção da expressão “Brasa” em uniformes desenvolvidos para a Copa do Mundo de 2026.*

Senhor **Presidente**,

nos termos do art. 117, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, RICD, que ouvido o Plenário, seja registrada nos anais da Casa e divulgado em seus órgãos de comunicação, moção de Repúdio à descaracterização simbólica da identidade nacional em camisetas oficiais da Seleção Brasileira de Futebol, especialmente no tocante à inserção da expressão “*Brasa*” em uniformes desenvolvidos para a Copa do Mundo de 2026.

**JUSTIFICAÇÃO**

Não há nação que subsista sem respeito aos seus símbolos, e não há símbolo mais universalmente reconhecido do Brasil do que a camisa da Seleção Brasileira de Futebol, patrimônio imaterial de um povo que nela se vê, se reconhece e se projeta diante do mundo.





É precisamente por isso que se torna inadmissível, e aqui se diga sem meias palavras, a tentativa de deformar esse símbolo sob o pretexto de inovação estética. Substituir “Brasil” por “Brasa” não é modernizar: é vulgarizar. Não é aproximar-se do povo: é afastar-se dele. É impor, de cima para baixo, uma linguagem sem honra que não brota das ruas, não ecoa nos estádios e não vive na alma nacional.

A declaração da designer Rachel Denti, vinculada à Nike, ao sustentar que tal expressão refletiria o cotidiano do brasileiro, apenas confirma o que já se percebe: há, neste processo, preocupante ruptura entre quem concebe o símbolo e quem deveria ser por ele representado. Quando há ruptura entre símbolo e povo, o símbolo perde sua legitimidade.

Sob a gestão da Confederação Brasileira de Futebol, permitiu-se que a camisa mais respeitada do futebol mundial fosse tratada como laboratório de experimentações. Mas há limites que não podem ser transpostos. Símbolos nacionais não são campo de testes. Não são território de vaidades criativas. Não são instrumentos de reinvenção arbitrária.

A situação se agrava com a repercussão da chamada segunda camisa, cujo grafismo difuso, carregado de obscuridade e de contornos que evocam, para muitos brasileiros, imagens sombrias associadas ao imaginário do mal — como figuras de feição diabólica —, desencadeou ampla reação popular, marcada por estranhamento, rejeição e inequívoca repulsa. Não se trata de capricho interpretativo ou de exagero coletivo, mas de sinal evidente de falha grave de concepção: em símbolos nacionais, não há espaço para ambiguidade que remeta, ainda que indiretamente, a referências negativas ou perturbadoras. Quando a camisa da Seleção deixa de inspirar orgulho e passa a suscitar horror e repulsa, rompe-se o vínculo essencial entre símbolo e povo, e essa ruptura não pode ser ignorada nem relativizada.





Importa destacar que os fatos ora repudiados não surgem de forma isolada, mas se inserem em um contexto mais amplo de tentativas sucessivas de descaracterização dos símbolos da Seleção Brasileira. Recentemente, veio a público<sup>1</sup> a possibilidade de adoção de uniforme na cor vermelha, proposta que gerou imediata reação nacional e que foi corretamente enfrentada por este parlamentar, inclusive por meio de projeto de lei destinado a assegurar que os uniformes das representações nacionais observem, como regra, as cores oficiais da Bandeira do Brasil. Tal iniciativa partiu de premissa inafastável: uniformes não são meros objetos de design, mas expressão visível da identidade, da história e dos valores de uma nação. A insistência, agora, em promover alterações artificiais — seja pela introdução de terminologias estranhas como “*Brasa*”, seja por grafismos dissonantes ou pela reabertura de debates sobre cores alheias à tradição nacional — revela padrão preocupante de tentativa de reconfiguração simbólica que não encontra respaldo no sentimento popular e que, por isso mesmo, deve ser firmemente repellido.

Portanto, diga-se com clareza: o povo brasileiro não autorizou a reinvenção de seus símbolos. O povo brasileiro não pediu que sua identidade fosse reinterpretada por códigos alheios à sua cultura. O povo brasileiro não aceita ver sua história convertida em militância ideológica e lacração.

A camisa da Seleção não pertence a empresas. Não pertence a dirigentes. Não pertence a governos. Pertence ao povo brasileiro e somente a ele. Aquilo que pertence ao povo não pode ser manipulado à revelia do povo.

Por isso, esta Moção de Repúdio se impõe. Não como gesto meramente formal, mas como afirmação de um princípio: há valores

<sup>1</sup> <https://www.metropoles.com/colunas/igor-gadelha/camisa-vermelha-deputado-propoe-que-cbf-ouca-governo-sobre-uniforme>





CÂMARA DOS DEPUTADOS

que não se relativizam, símbolos que não se deformam e identidades que não se negociam.

Sala das Sessões, em de de 2026.

**DEPUTADO Evair Vieira de Melo**

Apresentação: 26/03/2026 17:11:42.923 - CREDN

REQ n.34/2026



Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD263179049300>  
Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Evair Vieira de Melo



\* CD 263179049300 \*